



UNICAMP

P13.03

EVENTO: Ana Stella Shic
 VEÍCULO: O Estado de São Paulo
 DATA: 11 de janeiro de 1994
 PÁGINA: D 10
 SEÇÃO: Caderno 2



MÚSICA

Stella Schic diz que o Brasil a esqueceu

A pianista brasileira, maior intérprete viva de Villa-Lobos, fala de Paris ao 'Caderno 2'

CARLOS HAAG
Especial para o Estado

Conhecido no Exterior como berço de jogadores de futebol e notáveis pianistas, o Brasil vem se descuidando dos últimos. A maior intérprete viva de Villa-Lobos, Ana Stella Schic, radicada na França desde 1970, sente-se esquecida por seu país. Casada com o compositor francês Michel Phillipot, Schic é professora de piano do Conservatório Europeu de Paris, da Escola Internacional de Música e da Sorbonne. A mulher que apresentou Satie ao Brasil e ganhou dedicatórias de Villa é pouco lembrada aqui, mas reconhecida pelos franceses. Assim, depois do bem sucedido relançamento, no ano passado, da integral pianística de Villa, ela grava, este ano, a obra completa de Gershwin para piano. Há tempos sem falar para o Brasil, Ana Stella Schic conversou com o *Caderno 2*, de Paris.

Caderno 2 — Como foi o relançamento da integral de Villa?

Schic — Eu a gravei na França em 1979 pela Pathé-Marconi e ela foi lançada no Brasil em 1982 pelo selo Eldorado. No ano passado, a gravadora Solstice resolveu retomá-la em 7 CDs e foi um grande sucesso. Meu álbum foi o único a ganhar por unanimidade da crítica especializada o "Disque D'Or" como melhor disco do ano.

Caderno 2 — O que pensa da obra para piano de Villa, a senhora que já tocou sob a regência do compositor?

Schic — O que ela tem de particular é ele, apesar de não ter sido um pianista, ter criado efeitos pianísticos tão extraordinários, mesmo sem poder tocá-los. Esses efeitos são algo muito especial, único. Villa foi um homem pro-



Ana Stella Schic: a mulher que apresentou o francês Erik Satie aos brasileiros

fundamente intuitivo e de grande sensibilidade ao som e à melodia. Analisei sua obra para piano em meu *Villa-Lobos, o Índio Branco*, publicado na França. Era como ele gostava de ser chamado.

Caderno 2 — Como será o álbum de Gershwin?

Schic — Gosto muito dele e do ponto de vista de uma pianista clássica é um desafio, porque não se deve tocá-lo nem como popular, nem como clássico. Foi esse

meio termo que me fascinou e precisei trabalhar seriamente. Gravo agora em março e os 2 CDs saem em setembro. Ali está toda a obra: *Rhapsody in Blue* na versão original para piano, canções, a parte pianística de *Porgy and Bess*, *Rialto Ripples* e os *Três Prelúdios*.

A INTEGRAL PIANÍSTICA DE VILLA GANHOU O DISQUE D'OR

Caderno 2 — O Brasil é mesmo um país de pianistas?

Schic — Há mesmo a tradição internacional do bom pianismo brasileiro. Acredito que pelo

grande número de bons pianistas estrangeiros que vieram se refugiar no Brasil entre as duas guerras e nos deram essa base. José Kliass, meu professor, por exemplo, foi aluno de um aluno de Liszt. Minha escola é a de Liszt. Hoje, aliás, dou cursos sobre a pedagogia Liszt na Sorbonne.

Caderno 2 — O ano de 1993 foi o ano de centenário das grandes Guiomar Novaes e Magdalena Tagliaferro. Como você as definiria?

Schic — Quero acrescentar o nome de Antonieta Rudge entre as grandes. (*Os 20 anos da morte de Rudge são completados em 94.*) Guiomar foi um fenômeno, uma pianista universal que, sem se instruir sobre o piano, absorveu tudo,

uma natureza instintiva. Já Magdalena procurava conhecer outras escolas, estudar tudo, fez parte da vida intelectual de Paris. Convivemos muito aqui. São casos diferentes, mas de altíssimo nível.

Caderno 2 — A senhora gostaria de voltar a tocar no Brasil?

Schic — (Silêncio) Depende muito. Há tempos não toco no meu país. Se esperam que eu peça para tocar, não vou. Sou refratária a pedir para ser convidada. Me esqueceram no Brasil. Não quero me queixar, porque também não me esforço para ser lembrada. Talvez seja minha culpa, mas o país me esqueceu.